



## Cláudia Semedo Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento

Pág. 2

## Marrocos Mestrado de didática da língua portuguesa

Pág. 3

## Recital sobre Gregório de Matos

Pág. 3



**Exposição  
de João Maria Gusmão  
+ Pedro Paiva  
em Berlim**

Pág.4

**Projetos e  
Concursos de Souto  
de Moura expostos  
em Sevilha**

Pág.4

**As 1001 Noites  
de Miguel Gomes  
em festival  
berlinense**

Pág.4

**O Espírito  
Caluanda  
de António  
Ole**

Pág.4

## Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento

### «Migração irregular não é o problema»

#### – Cláudia Semedo

■ Numa altura em que centenas e centenas de milhares de pessoas rumam à Europa e a outras regiões do mundo, fugindo dos seus países à procura de condições de vida condignas, Cláudia Semedo (Oeiras, 1983), Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento (AED), que decorreu em 2015 promovido pela União Europeia (tendo como entidade coordenadora em Portugal o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua), afirma que «a migração irregular não é o problema mas, sim, o resultado do problema», que importa perceber e encontrar formas de resolver.

Nesta entrevista, a atriz e apresentadora Cláudia Semedo, licenciada em Jornalismo pela Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa, fala da cultura como «potentíssimo fator de desenvolvimento», da nova visão das políticas de desenvolvimento, que se distanciaram da perspetiva anterior que privilegiava as diferenças norte-sul, da agenda pós-2015 e do desenvolvimento sustentável.

A participar presentemente no elenco de *Macbeth* – peça encenada a partir de textos de William Shakespeare por Carlos Avilez, numa produção do Teatro Experimental de Cascais –, Cláudia Semedo aborda ainda a sua experiência como Embaixadora do AED, que para ela «significou ganhar um palco enorme para partilhar uma visão de um mundo mais justo, mais livre, mais humano».

– Acha que, tal como o AED (Ano Europeu para o Desenvolvimento) propunha, se conseguiu explicar aos cidadãos europeus, e aos portugueses em particular, como funciona a ajuda ao desenvolvimento e demonstrar que o seu dinheiro produz efeitos concretos e duradouros no combate à pobreza em todo o mundo?

O AED representa mais uma etapa num eixo de atuação mais vasto que tem vindo a ser trabalhado por vários organismos públicos e organizações da sociedade civil para o esforço de levar as matérias do desenvolvimento para junto do quotidiano dos cidadãos.

Neste âmbito, fizemos exposições, conferências, debates, mesas redondas, semanas do desenvolvimento, escrevemos artigos, demos entrevistas, fomos a escolas, universidades, a prisões, a juntas de freguesia e a espaços de infância. Aproveitamos todas as oportunidades para falar do tema com a profundidade que a reflexão exige. Sei que temos vindo a despertar muitas consciências.

– Dos 12 temas do AED, quais os que considera mais relevantes?



Refugiados na fronteira germano-austriaca

Os 12 temas do AED procuram de alguma forma sintetizar as principais áreas de trabalhos e os principais desafios do desenvolvimento não devendo nesse sentido ser hierarquizados. Há situações mais urgentes do que outras mas que se prendem mais com o contexto de cada comunidade do que com um grau de importância pré-definido. Há países em que as questões da segurança alimentar estão à frente de todas outras, noutros é o acesso à saúde e a prevenção de doenças que pedem uma ação mais imediata e noutros ainda é a paz a necessidade primeira.

– Entre os 12 temas do AED figura a educação, mas a cultura está ausente. No entanto, as mais recentes políticas de desenvolvimento tendem a dar um lugar de destaque à cultura como um motor de desenvolvimento. Que comentário?

Enquanto atriz e alguém que escolheu a comunicação como forma de promoção da mudança, acredito que a cultura é um potentíssimo fator de desenvolvimento. Apesar de não haver um mês específico, a cultura está presente em muitas das temáticas debatidas. A abordagem é ampla.

– Considera realistas os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) aprovados pelas Nações Unidas em Nova Iorque, em setembro passado? A agenda pós-2015 é ambiciosa porque é universal e procura abarcar as três componentes do desenvolvimento sustentável: o social, o económico e o ambiental.

É uma oportunidade a não desperdiçar que resulta de um processo inclusivo no qual estiveram envolvidos os Estados-membro das Nações Unidas, 32 agências especializadas da ONU, a Sociedade Civil de forma organizada e para o qual foram consultados milhões de cidadãos

em reuniões presenciais em mais de 100 países. Neste sistema, foram promovidas 88 consultas nacionais, incluindo em Portugal, e foi assumida uma consulta Global My World.

Acho ótimo que se pense com ambição no desenvolvimento e acredito que com comprometimento, vontade política e ações concertadas podemos cumprir todos os objetivos traçados para alcançar a justiça, a igualdade e a liberdade global.

– Qual o papel da Europa (e de Portugal) nesta agenda pós-2015?

Ao contrário dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), a agenda pós-2015 é uma proposta que envolve de igual forma todos os países, desenvolvidos e em desenvolvimento, da mesma forma. Europa e Portugal têm a mesma responsabilidade que todos os estados que se comprometeram a cumprir os objetivos traçados têm. Um dos ODS prevê a promoção de parcerias o que indica a consciência de que a partilha de conhecimentos e do saber fazer terá um papel essencial.

Por outro lado, o papel da Cooperação para o Desenvolvimento continua a ser real e fundamental para a erradicação da pobreza e para a promoção de sociedades mais justas e equitativas, de instituições eficazes e que defendam os Direitos Humanos, incluindo os Direitos das Mulheres e das crianças.

– Fala-se muito hoje em dia das dicotomias de desenvolvimento dentro de regiões continentais e dentro dos países, em contraposição a uma perspetiva anterior que privilegiava as diferenças norte-sul à escala do mundo. Reconhece-se nesta visão dos problemas de desenvolvimento?

Reconheço. Acho que é uma visão que está mais de acordo com a realidade e mais próxima das necessidades particulares de cada comunidade. Os mecanismos de auscultação são cada vez mais rigorosos, o que permite uma análise mais precisa.

– Estamos a assistir a movimentos populacionais sem precedentes nas últimas décadas em que centenas de milhares de pessoas, senão mesmo milhões, migram e procuram refúgio e/ou melhor vida noutras paragens, sobretudo na Europa. Qual a responsabilidade dos desequilíbrios de desenvolvimento entre continentes e países, e dentro destes, do atraso e da pobreza na emergência desses movimentos?

É enorme. A mobilidade é uma possibilidade maravilhosa enquanto escolha. Atualmente, a maioria dos migrantes não o é por opção. Há atualmente cerca de 60 milhões de

refugiados no mundo. Pessoas que não conseguem reunir no seu país de origem as condições necessárias para manter uma vida digna. Pessoas que, com grande espírito de sacrifício, abandonam os seus lares, as suas gentes e as suas vidas na expectativa de encontrarem um sítio onde possam efetivamente viver. Importa perceber o que causa este problema e encontrar formas de o resolver. Porque a migração irregular não é o problema mas, sim, o resultado do problema. Não devemos esquecer-nos disto. Assim como não deveremos esquecer-nos que o grande fluxo de pessoas acontece por exemplo dentro do continente africano e não para a Europa.

Se os nossos direitos fossem respeitados, acredito que assistiríamos a uma redução acentuada desses movimentos.

– Hoje a palavra de ordem é desenvolvimento sustentável. Entende-se muitas vezes como um desenvolvimento ambientalmente sustentável. Mas esta posição surge quando muitos países e regiões já estão desenvolvidos e outros não. Não é pedir de mais a esses outros países e regiões para que se desenvolvam respeitando o ambiente?

Claro que não. A aposta na transferência de tecnologia preconizada pelos ODS procura responder a esta necessidade. Promover um caminho de desenvolvimento sustentável é apontar na direção da saúde, da justiça, do respeito e de um futuro para a população de cada um desses países. É importante que não associemos desenvolvimento sustentável a um tipo de desenvolvimento moroso ou incapaz de dar resposta às nossas necessidades.

– Está a fazer um ano que foi investida como embaixadora do AED 2015. Como surgiu o seu envolvimento nesta campanha?

Surgiu por convite. Fui sugerida pela Embaixadora da Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População, Catarina Furtado, que acompanha o meu percurso há 14 anos.

– O que é que significou ser embaixadora do AED? Quais foram as suas tarefas no AED? O que retira da experiência no plano pessoal e profissional?

Ser embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento significou ganhar um palco enorme para partilhar uma visão de um mundo mais justo, mais livre, mais humano. Enquanto embaixadora tive um papel de grande proximidade com crianças e jovens em idade escolar. Particpei em palestras, colóquios, debates, conferências, escrevi artigos para vários meios de comunicação e estive sempre em ligação com as associações e organizações que trabalham no terreno.

Está a ser um ano de enorme enriquecimento e crescimento pessoal, não só em termos de conhecimento adquirido mas também de um esclarecimento da minha visão do mundo e posicionamento no mesmo.

## Cláudia Semedo

■ Distinguida com o Prémio Bernardo Santareno na categoria de Atriz Revelação, Cláudia Semedo participou em diversas peças teatrais como *A Bicicleta Que Tinha Bigodes*, *O Amor Não É Um Fogão*, *Paredes Meias* ou *Antes de Começar*. No cinema participou em filmes como *O Crime do Padre Amaro*, *O Último Voo do Flamingo*, *Ricochete*, *Nuvem Passageira*, entre outros.

Na televisão, fez parte do elenco de telenovelas e séries e apresentou diversos programas, entre os quais *Desafio Verde* e *Nós na RTP*, programas que versam sobre ecologia e inclusão respetivamente.

Investida Embaixadora do Ano Europeu para o Desenvolvimento 2015, tem também trabalhado com a Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade em iniciativas contra a violência doméstica e violência no namoro.



FOTO: DA SILVA/ALDO DIX

## Marrocos

# Mestrado de didática da língua portuguesa



«O primeiro curso de mestrado para ensino do português como língua estrangeira teve o seu início no presente ano letivo de 2015/2016 na *Ecole Normal Supérieur* da Universidade Mohammed V Agdal (UM5A), de Marrocos. O curso é um dos dois ramos do mestrado em didática das línguas e culturas latinas, que compreende, além do português, o italiano, e é a «sequência natural» licenciatura em língua portuguesa, criada em 2008 no quadro de um protocolo de cooperação tripartido celebrado entre a Universidade de Lisboa (UL), a UM5A, em Rabat, e o Camões, I.P., segundo afirma José Bettencourt Gonçalves, docente do instituto público português naquela

universidade marroquina. «Desde o início da formação desta parceria – Camões, I.P., UL e UM5A, de Rabat – que existe a aspiração a que o português venha a ser incluído no sistema de ensino, a nível do secundário», afirma o professor, explicando a decisão de criar o curso de mestrado, que habilita para a docência. «Para que este desiderato possa ter concretização [em Marrocos], a criação do mestrado era imprescindível». Marrocos, acrescenta ainda, «é um país cujo paradigma é bastante europeu e assim, a um 1º ciclo de estudos superiores segue-se naturalmente um 2º».

A implementação do mestrado foi assumida principalmente pela *Ecole*

*Normal Supérieur* da UM5A, com a colaboração ativa dos departamentos de Italiano e de Português. O mestrado tem um tronco comum às duas línguas e um número de disciplinas específicas em cada uma delas. Neste primeiro ano é frequentado por 8 alunos.

Já a licenciatura em estudos portugueses iniciou-se em 2009–2010. De acordo com os dados avançados por José Bettencourt Gonçalves, existem em média, em cada ano letivo, cerca de 50 alunos inscritos, distribuídos pelos três anos do curso. No 1º ano existem atualmente 32 alunos inscritos, 15 no 2º ano e 12 no 3º. No presente ano, «parece verificar-se um aumento da procura» na fase inicial do curso, que o docente interpreta como resultado da criação do mestrado. O número dos já licenciados é de 51, os primeiros dos quais no ano letivo de 2011/12.

Genericamente, o estado do ensino da língua portuguesa em Marrocos é «bom», na avaliação de José Bettencourt Gonçalves. O ensino do português processa-se não só nos níveis da licenciatura e do mestrado, como também com os cursos livres no Centro Cultural Português de Rabat, nos níveis A – iniciação – e B – consolidação, refere o docente.

«A extensão ao ensino secundário continua no horizonte», mas, para tal, José Bettencourt Gonçalves considera «condição necessária que haja docentes com o grau de mestrado», pelo facto de estar previsto que o grau de mestre será exigido aos professores do ensino secundário, no âmbito de alterações em curso a nível de política linguística.

Outra vertente de que há que cuidar para que o ensino do português se alargue no reino norte-africano, é o dos programas e, sobretudo, dos manuais e outros materiais didáticos. A seu ver, «os manuais de português língua estrangeira (PLE) existentes adequam-se sobretudo a alunos que chegam a Portugal e aprendem a língua em situação de imersão linguística». Para adolescentes que não conhecem Portugal, os manuais existentes parecem-lhe «insuficientes e pouco motivadores».

Embora «seja mais uma questão de política linguística do que de ensino propriamente dito», defende que se deve sempre «tentar fazer de cada lusófono um lusófilo». E isso exige, diz, «materiais adequados que motivem» e sejam «uma janela para outros horizontes, que contemplem (...) uma vertente cultural capaz de desencadear esse processo de gosto pela língua que se estuda».

Um terceiro aspeto prende-se com o facto de, na sociedade marroquina, a escolha dos jovens ter de ser sempre aprovada pela família e em muitos casos partir mesmo dela. Assim, sublinha, «há todo um trabalho a fazer para que as famílias marroquinas considerem o português como uma língua que merece ser incluída nas escolhas dos filhos». E para que tal aconteça não está em causa apenas a vertente económica, número de falantes, etc. – «o italiano, se tivémos em consideração o número de falantes, é uma língua de fraca expressão, no entanto, tem bastante procura por cá» – mas também o seu «valor cultural».

## Recital sobre Gregório de Matos no Camões, I.P. em Lisboa



Ricardo Bitencourt

«poeta se refere aos portugueses de sua época como estrangeiros». A sua produção apresenta «expressões tipicamente brasileiras, fruto da mistura de palavras indígenas, africanas e portuguesas», refere. «Gregório de Matos também escreveu poemas religiosos e líricos da mais alta qualidade, expressões autênticas do espírito barroco».

O espectáculo «é um recital performativo, com muito humor, e que apresenta reflexões políticas muito atuais», garante Simone Carrera. A banda sonora, que entremeia as declamações e as narrações sobre a vida e obra do poeta, tem música dos *The Doors*, Caetano Veloso, *Nirvana*, *Ramones*, *Novos Baianos* e Gilberto Gil. «Gregório é *rock'n'roll* puro, pois ele tem essa atitude roqueira da contestação. Isso sem contar que ele é POP – por isso, o repertório se vale de estrelas da MPB [música popular brasileira] e do *rock internacional*», explica João Sanches no comunicado.

Para Ricardo Bitencourt, o espectáculo é rápido, dinâmico e apresenta o texto de Gregório como grande protagonista. «Eu sou um agente do discurso do poeta e um porta-voz da poesia dele», explica, sublinhando que «são os *eus líricos* de Gregório que aparecem durante as declamações».

O guião apresenta 40 poemas ou trechos de poemas de Gregório de Matos, divididos por temas, como a sátira de costumes, o sexo, a religião e a crítica ao poder. Intercalando os blocos de temas, há pequenas narrativas que contextualizam e associam cada texto a momentos da vida do poeta, explica o comunicado.

O título do espectáculo faz referência não só aos apelidos que o poeta ganhou, mas também à forma como a sua poesia foi perpetuada: de boca a boca, de cópia em cópia, uma vez que a imprensa era proibida no Brasil colonial até 1808. A publicação das obras completas de Gregório de Matos só ocorreu no século XX, ou seja, quase trezentos anos depois de manuscritas.

*Boca a Boca*: um primeiro espectáculo sobre Gregório de Matos a ser apresentado em Portugal, pela mão da companhia de teatro 33 Ánimos e em parceria com *Res Inexplicata Volans*, um espectáculo a que o público português tem convidado a assistir pela cantora brasileira Daniela Mercury. Gregório de Matos estudou direito em Coimbra e passou 30 anos em Portugal antes de regressar ao Brasil e iniciar a sua carreira literária. «Portugal foi quem deu régua e compasso a Gregório. Precisamos apresentá-lo tardiamente aos portugueses», explica Ricardo Bitencourt, que constatou ser aquele autor pouco conhecido em Portugal, apesar de aí ter vivido longamente.

Um espectáculo dedicado àquele que é apontado como um dos primeiros poetas do Brasil – Gregório de Matos (1636–1696) – estreia amanhã em Lisboa, no Palacete Seixas, sede Camões, I.P. em Lisboa, estando em cena nos dias seguintes no Teatro da Comuna. A interpretação de *Boca a Boca*: um solo para Gregório está a cargo do ator baiano Ricardo Bitencourt, acompanhado do músico Leonardo Bitencourt. Ambos «promovem um verdadeiro recital em formato de *show de rock'n'roll*», segundo o comunicado dos produtores brasileiros do espectáculo (Theatro XVIII e a Sole Produções), que teve «ensaio aberto» a 26 de novembro em Salvador.

*Eu sou aquele que os passados anos / Cantei na minha lira maldizente / Torpezas do Brasil, vícios e enganos* – com estes versos de Gregório de Matos abre o recital, que tem guião e encenação de João Sanches. «Queremos trazer Gregório de volta para a Bahia e mostrar o quanto ele é atual», comenta Sanches.

O recital «busca reconhecer a importância do poeta baiano, que é considerado, por muitos teóricos, o primeiro escritor brasileiro efetivamente nascido no Brasil, em 1636. Depois de ficar conhecido como *Boca do Inferno* e *Boca de Brasa*, pelas críticas ferozes e debochadas que fazia em suas poesias à sociedade do século XVII, Gregório foi preso e enviado para exílio em Angola. Conseguiu ser perdoado e voltar ao Brasil, mas com a condição de que morasse em Recife e nunca mais voltasse à Bahia, permanecendo até hoje banido de sua terra», lê-se no comunicado.

Segundo Simone Carrera, diretora-geral da Sole Produções, a obra de Gregório de Matos «inaugura a poesia do povo brasileiro» e «retrata a Bahia e o Brasil, descrevendo costumes típicos e criticando hábitos negativos». Carrera sublinha que o

## Motivações

«Quem aprende português em Marrocos tem, regra geral, como motivação o aumento das suas oportunidades de trabalho», garante José Bettencourt Gonçalves, docente de língua portuguesa da Universidade Mohammed V Agdal (UM5A), de Marrocos.

Mas a par das motivações de carácter económico surgem outras, diz. É o caso de alunos que gostam da música portuguesa e resolvem aprender a língua, alunos que visitaram Portugal ou o Brasil e decidem aprender o português, casos de casamentos mistos, etc.

Mas a nível dos alunos que frequentaram ou frequentam a licenciatura de Estudos Portugueses, «é a vertente da maior oportunidade de trabalho que predomina». «Os marroquinos têm consciência de que uma língua representa uma mais-valia». É assim que se compreende que, ao longo dos anos, vários alunos que já tinham outra licenciatura, e até alunos com mestrado, se tenham inscrito na

licenciatura de Estudos Portugueses da UM5A. Nos cursos livres do Centro Cultural Português de Rabat – conta o docente –, um aluno que vem de Marraquexe para ter a sua aula de português faz 4 horas e meia de comboio para cada lado. «Creio que se pode depreender que isto significa que o português tem para ele importância considerável».

Em termos de saídas profissionais, embora José Bettencourt Gonçalves tenha perdido o rasto a um ou outro aluno – porque muitos deles vêm de pontos muito afastados do território –, «a maioria está, ou a prosseguir estudos – mestrado ou doutoramento – ou a trabalhar, sobretudo em empresas que têm negócios com países de língua portuguesa». Neste momento, diz, «há uma empresa que tem 3 vagas em que o português é um requisito e não consegue encontrar candidatos». Por outro lado, 7 ex-alunos estão presentemente em Portugal a fazer o seu mestrado e 8 em Marrocos. Considerando o número dos até agora licenciados em Estudos Portugueses, estes 15 mestrados constituem quase um terço do total.

## Obra de Souto de Moura exposta em Sevilha

■ Agora é a vez de Sevilha, onde a Fundação Valentim de Madariaga acolhe até 31 de janeiro de 2016, em colaboração com o consulado-geral de Portugal e o apoio do Camões, I.P., a exposição de arquitetura *Eduardo Souto de Moura: Projetos e Concursos*, que percorre de maneira crítica a trajetória de uma das mais importantes referências da arquitetura portuguesa e mundial contemporânea, distinguido com o Prémio Pritzker em 2011.

A exposição, já vista em Espanha, em Madrid, durante a Mostra Portuguesa de 2014, propõe duas vias para entender o trabalho de Souto de Moura (Porto, 1952): a partir dos seus projetos construídos - como a *Reabilitação do Convento das Bernardas*, a *Casa das Histórias Paula Rego*, *Torre Burgo*, *Estádio Municipal de Braga*, *Complexo la Pallaresa*, a *Casa do Cinema de Manoel de Oliveira*, entre outros; e a partir de alguns dos concursos mais relevantes em que o arquiteto participou - como a *Alta Velocidade Évora* ou as *Piscinas de São João da Madeira*.

De forma a potenciar a sua projeção pública e mediática, a exposição - com curadoria dos arquitetos Ana Leal e André Campos - foi concebida para estar patente em dois espaços, o Pavilhão de Portugal da Exposição Ibero-americana de 1929, sede do consulado-geral de Portugal - exposição *concursos* -, e o Pavilhão dos EUA naquele certame, atual sede da Fundação Valentim de Madariaga - exposição *projetos* -, permitindo estabelecer um 'diálogo' entre dois edifícios que são também eles referências arquitetónicas emblemáticas da cidade de Sevilha.

Até janeiro está prevista a realização de um conjunto de conferências de destacados arquitetos de Portugal e Espanha, incluindo aquela que constituirá o ponto alto desta iniciativa, a cargo do arquiteto Eduardo Souto de Moura. Está igualmente prevista a realização de visitas de estudo por parte de estudantes de arquitetura de escolas profissionais andaluzas à exposição.

## As 1001 Noites de Miguel Gomes em festival berlinense

■ O realizador Miguel Gomes participou, com os 3 volumes do filme *As 1001 Noites (O Inquieto, O Desolado e O Encantado)* no Festival de Cinema Independente *Around the World in 14 Films*, que decorreu 27 de novembro a 6 de dezembro nas salas da Kulturbrauerei na capital alemã.

O Festival, fundado em 2006, apresenta todos os anos, durante 9 dias, 14 filmes especiais do jovem cinema mundial. Todos os filmes foram apresentados pela primeira vez em Berlim, tendo sido mostrados anteriormente nos festivais de cinema de Cannes, Locarno, Roterdão, San Sebastián, Sundance, Toronto ou Veneza.

A participação de Miguel Gomes contou com o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Berlim. O festival teve igualmente a presença de cineastas de todo o mundo que apresentaram os seus filmes.

## «Estão a vender bacias?» - o Espírito Caluanda em exposição de António Ole

■ *Espírito Caluanda* foi o título da exposição de António Ole que esteve patente em novembro no Centro Cultural Português/Camões, I.P. de Luanda. A mostra daquele é um dos mais importantes artistas plásticos angolanos foi acompanhada por um pequeno ciclo de cinema durante o qual foram exibidos dois documentários realizados por António Ole e um documentário sobre a sua vida e obra, do cineasta português Rui Simões.

Segundo o comunicado de imprensa, Ole apresentou 22 obras de pintura, fotografia e instalação, na sua maioria inéditas, entre as quais se destacam dois trípticos de fotografia e caixas de luz, que evocam o *Espírito Caluanda*.

Num texto alusivo, Filipe Correia de Sá, jornalista e escritor, conta uma história com que pretende ilustrar o 'espírito caluanda': «recentemente, quando se preparava para levar a sua arte à Bienal de Veneza 2015 (como artista e como curador da representação de Angola), António Ole voltou a inspirar-se na cidade para fazer uma peça para a qual utilizou baldes, desses que as quitadeiras usam nos seus afazeres, de várias cores, encarnados, azuis, verdes, amarelos. Terminada a instalação Ole colocou-a na parte fronteira do estúdio, que tem uma parede de vidro. A umas senhoras que passavam não passou despercebida a exposição, atraídas pela cor e sem dúvida pela cuidada forma em que se expunham e foram ter com o António Ole a quem perguntaram: Estão a vender bacias? Aqui nesta cena, em que a arte dá encontro com o real que a inspira, quem valeu e quem falou foi mesmo o Espírito Caluanda. O Ole prova: ele existe!»

## Exposição de João Maria Gusmão e Pedro Paiva em Berlim



João Maria Gusmão + Pedro Paiva. *Papagaio*. Vista da instalação na Fondazione HangarBicocca, 2014

■ *Papagaio* - a mais recente exposição de João Maria Gusmão e Pedro Paiva voltou a sair à rua e está em Berlim, na galeria KW - Institute for Contemporary Art, até 24 de janeiro próximo, com o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Berlim, depois de ter sido apresentada pela primeira vez, em 2014, no Hangar Bicocca de Milão e já este ano no Camden Arts Center de Londres, onde a crítica lhe teve rasgados elogios.

A mostra, curada por Vicente Todoli, apresenta cerca de 20 filmes de curta duração em 16mm, e uma longa-metragem filmada em São Tomé e Príncipe, visionados graças a projetores analógicos. Também são apresentadas duas câmaras obscuras.

Como escreveu João Laia, a propósito de *10.000 coisas - filmes recentes em 16mm* (2012), o trabalho filmico destes dois criadores conceptualistas, que produzem em conjunto desde 2001 filmes, esculturas, fotografia, instalações e antologias de textos, «apresenta características formais e de conteúdo que remetem para a época inicial da história do cinema». Laia notava ainda que os filmes de Gusmão e Paiva retinham «este

hibridismo entre ciência e magia, uma característica que advém da Abissologia - ciência transitória do indiscernível - que o trabalho da dupla explora e interroga».

Com *Papagaio*, lê-se numa apresentação da exposição, «o duo de artistas revela a sua capacidade para utilizar a linguagem cinematográfica e as instalações artísticas de uma forma única e original. (...) Cada filme examina um assunto particular, constituindo um tratado sobre o comportamento material, animal ou humano. A técnica de filmagem, com câmara de alta velocidade, associada a uma técnica de projeção em câmara lenta, permite revelar detalhes de outra forma impercetíveis».

### PULSÃO CONTRA-ILUMINISTA

Enquanto a maioria das curtas-metragens são «filmes-ensaio», segundo escreveu no *Público* em 2014 Vanessa Rato, a longa-metragem que dá nome à exposição - *Papagaio* - «abre um campo de ação de características ligeiramente diferentes». «Ao contrário da maioria dos filmes de João Maria Gusmão e Pedro Paiva,

não parece haver aqui qualquer artifício intencional de filmagem ou montagem. Próxima do que seria o ponto de vista de um registo antropológico, a câmara tenta limitar-se a registar os eventos em curso, evitando a construção de uma narrativa própria - um programa conceptual muito distinto das linhas que costumam enformar os projetos desta dupla de artistas, mais frequentemente construídos em busca de um certo onirismo ou até, por vezes, de ambientes alucinatórios», explica a jornalista

Vanessa Rato sugere no entanto, que essa diferença poderá ser mais aparente do que real, porque *Papagaio*, que nos revela, num ambiente de penumbra, «um ritual de transe ou possessão» com homens e mulheres, todos negros, em São Tomé e Príncipe, ao fim e ao cabo é conforme com o trabalho destes dois criadores. «É evidente que não estamos nos domínios das necessidades ordenadoras e niveladoras do mundo de herança modernista - filiados numa lógica de magia visual, João Maria Gusmão e Pedro Paiva dão antes forma a uma pulsão contra-iluminista em que a metafísica surge como âncora sem a qual o mundo se precipitaria num vazio de leveza».

João Maria Gusmão (Lisboa, 1979) e Pedro Paiva (Lisboa, 1977) estudaram Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde se conheceram. Em 2004 foram galardoados com o prémio Novos Artistas da EDP e representaram Portugal na 53.ª Bienal Internacional de Arte de Veneza, em 2009, onde regressaram em 2013, selecionados pelo curador Massimiliano Gioni para a mostra principal da 55.ª bienal - *Il Palazzo Enciclopedico* (O Palácio Enciclopedico) - no Pavilhão Central do Giardini e no Arsenale. Já expuseram em países como Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Dinamarca, Espanha, Holanda e Reino Unido.

Na edição de 2014 da ARCO - Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madrid, o Museu Rainha Sofia, da capital espanhola, adquiriu três obras da dupla João Maria Gusmão e Pedro Paiva, representados pela galeria Graça Brandão, de Lisboa.

## Camões no Mundo

### França

Conferência por Luís Filipe Castro Mendes, Embaixador de Portugal junto do Conselho da Europa. A 10 de dezembro, na Delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

### Portugal

Exposição *Arame farpado/dinamite: o poder da circulação livre*, de André Alves, ex-bolseiro Fulbright/Fundação Carmona e Costa, com curadoria de Sandra Vieira Jürgens, no Palácio Seixas, sede do Camões, I.P. em Lisboa. Até 18 de dezembro.

### Reino Unido

Anglo-Portuguese Ensemble em concerto de Natal na Igreja de Our Lady of the Assumption and St Gregory, em Londres, a 10 de dezembro.

### Venezuela

Encontro de Estudantes de Língua Portuguesa da Venezuela, em Caracas, no Colégio San Agustín-El Paraíso, promovido pela Coordenação de Ensino Português no Estrangeiro do Camões, I.P. naquele país. A 12 de dezembro.



### Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Paula Saraiva

COLABORAÇÃO Carlos Lobato